



GOVERNO DO  
ESTADO DO CEARÁ  
Secretaria do Planejamento  
e Gestão

# IPECE Conjuntura

Boletim da Conjuntura Econômica Cearense

1º Trimestre de 2012



Fortaleza,  
maio de 2012

**IPECE** INSTITUTO  
DE PESQUISA  
E ESTRATÉGIA  
ECONÔMICA  
DO CEARÁ

## GOVERNO DO ESTADO DO CEARÁ

Cid Ferreira Gomes – Governador  
Domingos Gomes de Aguiar Filho – Vice Governador

### SECRETARIO DO PLANEJAMENTO E GESTÃO (SEPLAG)

Eduardo Diogo – Secretário

### INSTITUTO DE PESQUISA E ESTRATÉGIA ECONÔMICA DO CEARÁ (IPECE)

Flávio Ataliba Flexa Daltro Barreto – Diretor Geral  
Adriano Sarquis Bezerra de Menezes – Diretor de  
Estudos Econômicos

### IPECE Conjuntura – 1º Trimestre – maio de 2012

#### Equipe Técnica

*Maria Eloisa Bezerra da Rocha (Coordenação  
Técnica)*

*Ana Cristina Lima Maia Souza*

*Alexsandre Lira Cavalcante*

*Cleyber Nascimento de Medeiros*

*Daniel Cirilo Suliano*

*Débora Gaspar Feitosa*

*José Freire Júnior*

*Klinger Aragão Magalhães*

*Nicolino Trompieri Neto*

*Odorico de Moraes Eloy da Costa*

*Paulo Pontes*

*Witalo Lima Paiva*

O Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará (IPECE) é uma autarquia vinculada à Secretaria do Planejamento e Gestão do Estado do Ceará. Fundado em 14 de abril de 2003, o IPECE é o órgão do Governo responsável pela geração de estudos, pesquisas e informações socioeconômicas e geográficas que permitem a avaliação de programas e a elaboração de estratégias e políticas públicas para o desenvolvimento do Estado do Ceará.

#### Missão

Disponibilizar informações geosocioeconômicas, elaborar estratégias e propor políticas públicas que viabilizem o desenvolvimento do Estado do Ceará.

#### Valores

Ética e transparência; Rigor científico; Competência profissional; Cooperação interinstitucional e Compromisso com a sociedade.

#### Visão

Ser reconhecido nacionalmente como centro de excelência na geração de conhecimento socioeconômico e geográfico até 2014.

INSTITUTO DE PESQUISA E ESTRATÉGIA ECONÔMICA DO CEARÁ  
(IPECE)

Av. Gal. Afonso Albuquerque Lima, s/nº - Edifício SEPLAG, 2º Andar

Centro Administrativo Governador Virgílio Távora – Cambéba

Tel. (85) 3101-3496

CEP: 60830-120 – Fortaleza-CE.

[ouvidoria@ipece.ce.gov.br](mailto:ouvidoria@ipece.ce.gov.br) - [www.ipece.ce.gov.br](http://www.ipece.ce.gov.br)

## APRESENTAÇÃO

O Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará (IPECE) publica o primeiro número do IPECE CONJUNTURA - Boletim da Conjuntura Econômica cearense, referente aos resultados do 1º trimestre de 2012.

O documento utiliza como referência os cenários econômicos internacional e nacional, os quais servem para orientar a análise sobre o desempenho da atividade econômica cearense, em seus diversos aspectos.

O Boletim contempla uma série de análises, envolvendo indicadores que traduzem o dinamismo socioeconômico do Ceará, destacando o comportamento setorial, como a agropecuária, indústria, comércio varejista, comércio exterior, mercado de trabalho, finanças públicas e intermediação financeira.

Ao lado dessa análise conjuntural, o Boletim abriu um espaço para reflexões dos técnicos do IPECE sobre temas de interesse da sociedade. Este primeiro número traz dois artigos abordando os temas da Educação e Demografia.

Com este Boletim de conjuntura econômica, o IPECE procura atender a demanda do setor público e privado por informações de curto prazo sobre a economia cearense.

## ÍNDICE

### SUMÁRIO EXECUTIVO

#### 1 PANORAMA MUNDIAL, 4

#### 2 ECONOMIA BRASILEIRA, 4

2.1 Resultados do 1º Trimestre de 2012, 4

#### 3 DESEMPENHO DA ECONOMIA CEARENSE, 6

3.1 Resultados do 1º Trimestre de 2012, 6

#### 4 DESEMPENHO SETORIAL, 7

4.1 Agropecuária, 7

4.2 Indústria, 8

4.3 Comércio Varejista, 10

4.4 Comércio Exterior, 11

#### 5 MERCADO DE TRABALHO, 16

#### 6 FINANÇAS PÚBLICAS, 19

6.1 Resultado Fiscal, 19

6.2 Receitas, 19

6.3 Despesas, 21

6.4 Dívida, 22

#### 7 INTERMEDIÇÃO FINANCEIRA, 22

#### 8 CONSIDERAÇÕES GERAIS, 24

#### 9 PONTO DE VISTA, 25

**Dinâmica populacional e desenvolvimento econômico, 25**

**Desempenho escolar, violência e background familiar nas escolas públicas do estado do Ceará, 27**

## SUMÁRIO EXECUTIVO

- A economia mundial deverá experimentar pequena desaceleração em 2012, com perspectiva de crescimento de apenas 3,5%, resultante do baixo nível de atividades esperado para as economias mais avançadas, principalmente no primeiro semestre do ano.
- Para a **economia brasileira**, a despeito da crise externa, as previsões de algumas instituições são de crescimento entre 3% e 3,2% para o ano de 2012. Em termos trimestrais, a Confederação Nacional da Indústria (CNI) prevê um leve crescimento de 0,7% sobre o quarto trimestre de 2011.
- Para a economia cearense, a previsão, para 2012, é de que cresça 5,0%, com melhor resultado do que a economia nacional. É possível que esse índice seja ligeiramente maior, tendo em vista a esperada recuperação do setor industrial já a partir do segundo trimestre de 2012, que ao lado da forte expansão prevista para os investimentos do governo estadual, deverão impulsionar a demanda agregada, proporcionando, conseqüentemente, um maior dinamismo econômico.
- A propósito, o **setor Agropecuário** é uma das preocupações, com problemas de irregularidades climáticas, cujas previsões já são de declínio, sobretudo na produção de grãos (-49,47%), destacando o feijão 1ª safra (-48,80%), Arroz (-25,77%) e o milho (-53,59%), que juntos respondem por mais de 90% do total de grãos produzidos no Ceará. Vale ressaltar que a Agropecuária contribui com 5,1% para a economia do Estado, mas é um setor que influencia outras atividades econômicas como as Indústrias de Alimentos e Bebidas, bem como o segmento das exportações.
- Quanto ao **setor Industrial**, o desempenho de 2012 dependerá sobremaneira dos resultados da **Indústria de Transformação**, tendo em vista que pesa mais de 50% na composição industrial e 24,5% na economia estadual. É importante lembrar que na comparação mensal mês sobre o mês imediatamente anterior, a produção industrial esboçou uma recuperação. No entanto, o indicador acumulado no ano em relação aos dois primeiros meses de 2011, ainda apresenta resultados negativos.
- A **Construção civil**, no primeiro trimestre de 2012, registrou um menor dinamismo frente ao ano anterior, em parte por conta das chuvas ocorridas no início do ano, sobretudo em Fortaleza, quando se observa o saldo de emprego formal do CAGED, com liberação de -454. Espera-se que as obras públicas e as facilidades de créditos devam incrementar essa atividade ao longo do ano.
- O **setor de Serviços**, que tem peso em torno de 70% na economia cearense, promete ser novamente o sustentáculo do crescimento econômico estadual no fechamento do ano de 2012. Os segmentos **Comércio** e as atividades ligadas ao Turismo apresentam-se com tendência positiva para o ano, embora, no caso do Comércio, os meses janeiro e fevereiro registraram um menor ritmo em suas vendas, o que é normal para esse segmento no período.
- **Comércio Exterior:** As exportações cearenses somaram, no primeiro trimestre de 2012, US\$ 328,8 milhões, correspondendo a um crescimento de 4,1% em relação ao mesmo período de 2011, quando o valor exportado foi de US\$ 315,8 milhões. O crescimento das importações do estado do Ceará nesta mesma comparação foi mais expressivo, 38,12%, alcançando US\$ 607,7 em 2012. A corrente de comércio exterior, que é a soma de todas as exportações e importações, totalizou US\$ 936,5 milhões no primeiro trimestre de 2012, representando crescimento de 23,91%, frente ao mesmo período de 2011.
- O **Mercado de Trabalho**, no primeiro trimestre de 2012, mostrou um menor poder de absorção de mão-de-obra e registrou um saldo líquido de apenas 172 postos de trabalho, o que foi corroborado com a taxa de desemprego que aumentou em março de 2012, com um percentual de 9,6%. No entanto, ocorreu ganho real no rendimento médio de algumas categorias.
- **Área Fiscal:** No primeiro bimestre de 2012 o Estado apresentou um superávit primário (que é obtido quando subtrai-se das receitas correntes as despesas correntes) de R\$ 1.841,19 milhões, segundo dados do Relatório de execução Orçamentária da Secretaria do Tesouro Nacional. Comparativamente, no ano de 2011, houve um déficit primário da ordem de R\$ 240,73 milhões. Estes resultados refletem o grande volume com gastos em investimento de R\$ 2.553 milhões realizados no ano de 2011.
- **Intermediação Financeira:** No final de janeiro de 2011 o saldo das operações de crédito no Nordeste chegou a R\$ 188,6 bilhões sendo que 45,7% foram realizadas pelas pessoas físicas e 54,3% por pessoas jurídicas. Um ano após, essas operações de crédito cresceram nominalmente 25,5% ocorrendo uma pequena elevação na participação das operações com pessoas físicas passando para 47% no final de janeiro de 2012. No Ceará a variação nominal nas operações de crédito, no mesmo período, cresceram 23,9%, sendo maior apenas que os estados de Alagoas e Pernambuco.

## 1. PANORAMA MUNDIAL

De acordo com a publicação World Economic Outlook, do Fundo Monetário Internacional-FMI, de abril/2012, a economia mundial deverá experimentar pequena desaceleração em 2012, com perspectiva de crescimento de apenas 3,5%, resultante do baixo nível de atividades esperado para as economias mais avançadas, principalmente no primeiro semestre do ano.

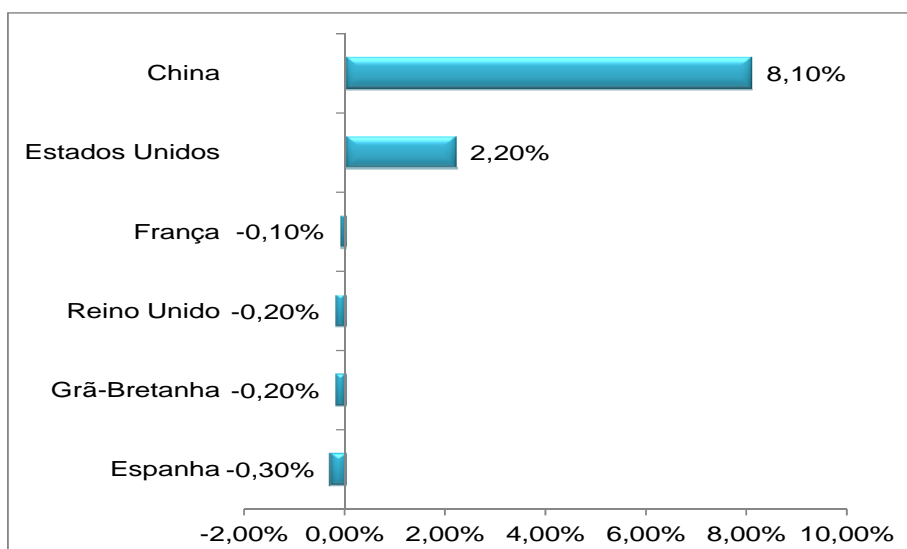
A propósito, em dezembro de 2011 havia uma previsão de crescimento de 9,2% para a economia chinesa no primeiro trimestre de 2012, mas a taxa real obtida foi de 8,1%.

A economia americana, ainda em recuperação, registrou uma alta de 2,2% em seu Produto Interno Bruto (PIB) do primeiro trimestre, um pouco menor do que o governo americano havia previsto, de 2,3%.

Quanto às economias da zona do Euro, elas continuam com dificuldades e os primeiros resultados trimestrais de 2012 apontam para uma redução de 0,30% na economia da região, destacando-se a Espanha, a Grã-Bretanha e a França, que já divulgaram seus dados, com taxas negativas de, 0,30%, 0,20% e 0,10%, respectivamente.

A explicação para a recuperação lenta dos países envolvidos na crise está nas medidas de austeridade tomadas pelos governos, inclusive provocando taxas de desemprego das mais elevadas dos últimos 15 anos, (10,90%). Deve-se recordar que foram o excesso de dívida, déficit elevado e a falta de reformas estruturais, que levaram os países do Euro a atual crise.

**Gráfico 1: PIB trimestral - Países Selecionados-1º Trimestre/2012**



Fonte: Instituições Oficiais de cada país.

## 2. ECONOMIA BRASILEIRA

### 2.1 Resultados do 1º trimestre

Em termos da economia brasileira, ainda não se dispõe de dados trimestrais, mas as expectativas de crescimento do PIB, para 2012, divergem entre os órgãos do governo e entidades internacionais que fazem projeções, como o FMI, que prevê uma taxa de 3,0%. O Relatório Focus, por sua vez, que expressa o pensamento do mercado, por meio do Banco Central, traz uma previsão de crescimento de 3,22%.

A Confederação Nacional da Indústria (CNI) prevê um leve crescimento anual de 3,0% e de 0,7% para o primeiro trimestre/2012 contra o quarto trimestre de 2011.

Assim, as principais notícias sobre a economia brasileira referem-se às últimas medidas adotadas pelo governo federal objetivando revitalizar o poder de consumo da população e com isso incentivar a atividade produtiva para que o mercado interno continue respondendo positivamente, tendo em vista que o ambiente externo continua em ritmo lento de recuperação. Dentre essas medidas cabem ser destacadas a



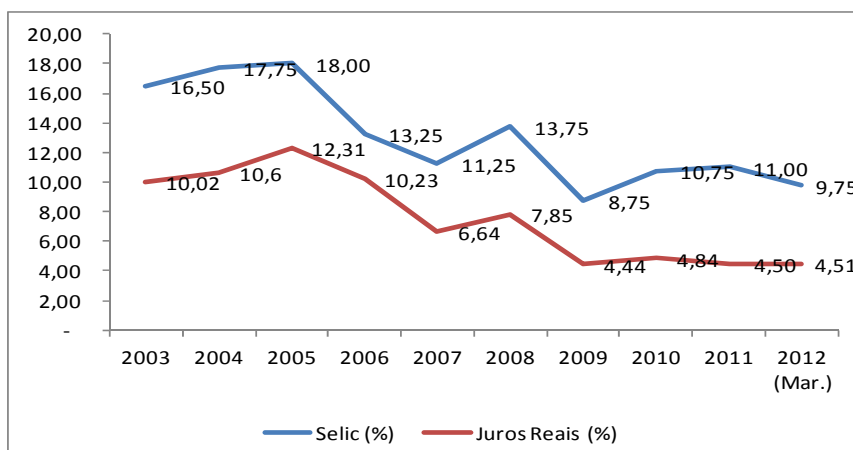
redução da taxa de juros Selic e a redução de IPI para alguns produtos.

## 2.2 Taxa de Juros Selic e Taxas Reais

Como se sabe, o Brasil possui uma das mais elevadas taxas de juros do mundo, o que tem dificultado o melhor desempenho de sua economia e maiores ganhos de competitividade das unidades produtoras.

Nessa linha, observa-se pelo Gráfico 2 as oscilações sofridas pelas taxas Selic e Juros Reais, que refletem as políticas monetárias aplicadas no período de 2003 a março de 2012. Apesar de, ainda, bastante elevadas, tanto a Taxa Selic como a Taxa de Juros Reais apresentaram redução nesse período.

**Gráfico 2: Taxa Selic e Taxas Reais (%) Brasil – 2003-Março/2012**



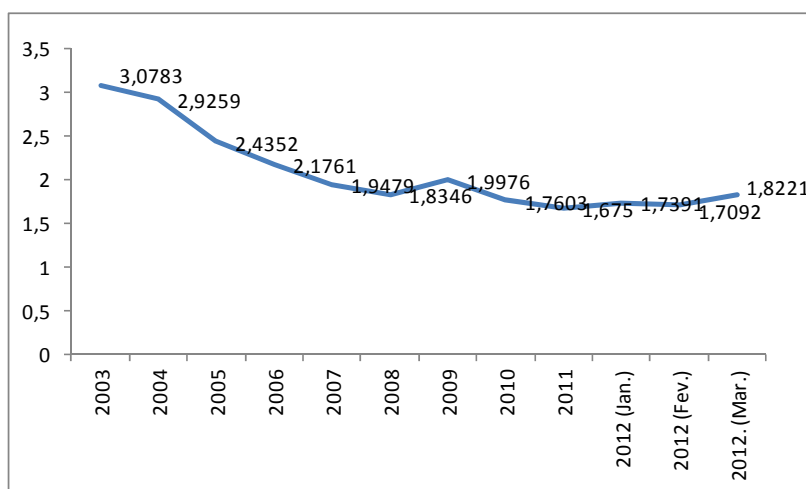
Fonte: Banco Central do Brasil (BCB).

## 2.3 Taxa de Câmbio

A moeda brasileira vinha nos últimos anos numa trajetória de valorização chegando em 2011 a R\$ 1,675, o que contribuiu de certo modo para o desalinhamento entre as exportações e importações. Devido a esse comportamento do câmbio, o Banco Central teve que intervir diversas vezes para não comprometer, ainda mais, a

competitividade da indústria brasileira. Mas neste primeiro trimestre de 2012, já se evidencia uma tendência de valorização da moeda americana chegando, em março, a R\$ 1,82 como evidenciado no Gráfico 3.

**Gráfico 3: Taxa de Câmbio média anual Brasil - 2003-Março/2012 (%)**



Fonte: IPEDATA.

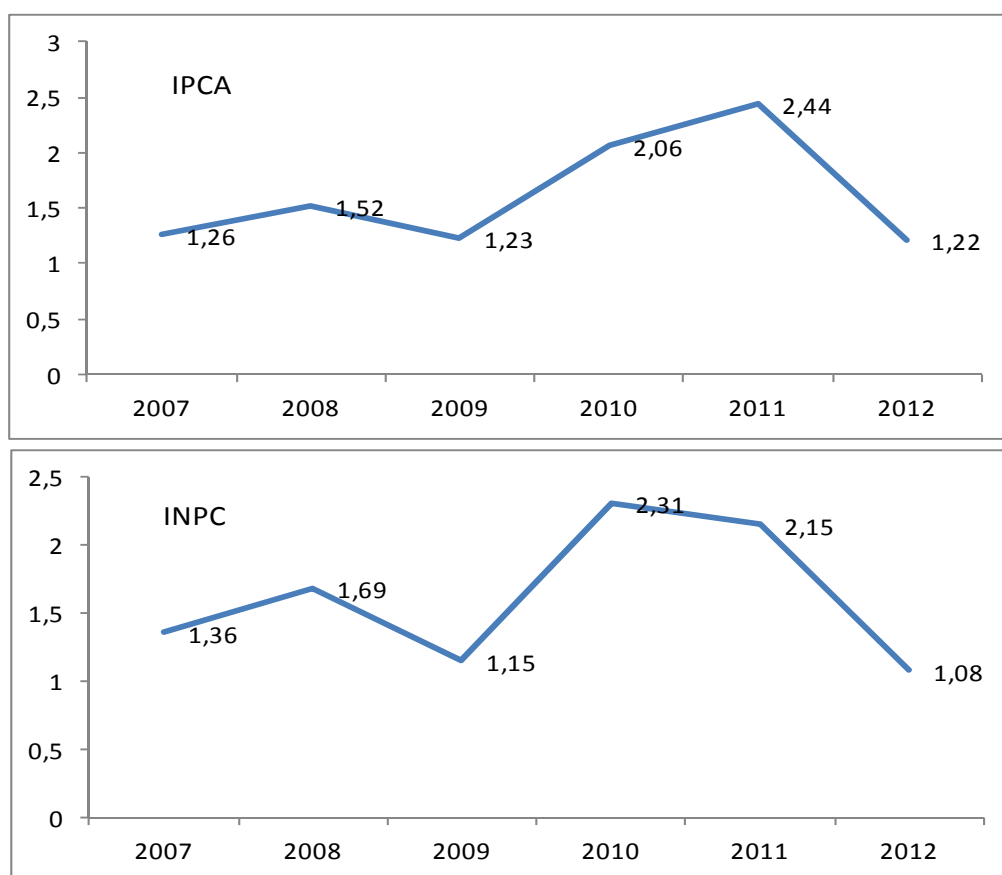
## 2.4 Inflação

O Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA) é o Índice que mede a inflação oficial do Brasil e abrange as famílias de rendimento entre 1 a 40 salários mínimos. Já o Índice Nacional de Preços ao Consumidor (INPC) avalia a variação de preços para famílias com menor poder aquisitivo, de 1 a 5 salários mínimos.

No primeiro trimestre de 2012, esses dois índices registraram taxas de, respectivamente, 1,22% e

1,08%, abaixo dos trimestres de anos anteriores, como expressos no Gráfico 4, mesmo com as oscilações ocorridas nos preços do grupo de Alimentação e bebidas. Deve-se ressaltar que no momento, este grupo é o que mais preocupa a equipe econômica, tendo em vista a magnitude de seus pesos, com percentuais de 23,13% para o IPCA e 28,28% para o INPC. Suas oscilações provocam forte pressão sobre o mercado interno.

**Gráfico 4: Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA) - Brasil – Janeiro – Março 2007-2012 (%)**



Fonte: IPEADATA.

## 3. DESEMPENHO DA ECONOMIA CEARENSE

### 3.1 Resultados do 1º Trimestre

A economia cearense deverá crescer em torno de 5,0%, neste ano de 2012, seguindo a tendência de resultado acima da média nacional alcançada nos últimos anos. No entanto, é possível que esse índice seja ligeiramente maior, tendo em vista a esperada recuperação do setor industrial já a partir do segundo trimestre de 2012, que ao lado da forte expansão prevista para os investimentos

do governo estadual, deverão impulsionar a demanda agregada, proporcionando, conseqüentemente, um maior dinamismo econômico.

Chama atenção o setor Agropecuário, que após passar por dois anos com problemas climáticos, 2009 e 2010, recuperou-se em 2011, com safra recorde. Para o ano de 2012, as primeiras previsões indicavam um ano bom para a produção agrícola, no entanto, os indicadores climáticos

indicam que será um ano de dificuldade para o setor e já existe uma previsão de queda na produção dos principais grãos, como o feijão e milho, que junto respondem por mais de 90% da produção agrícola.

A propósito, os dois índices que medem a inflação da Região Metropolitana de Fortaleza (RMF) registraram elevadas variações de preços no primeiro trimestre de 2012, o IPCA acusou aumento de 1,03% e o INPC, 1,53%. Os resultados foram influenciados pelo grupo de Alimentação e bebidas com altas de 2,14% e 2,20%, em consequência da quebra da safra de grãos e de outras culturas, dada

a escassez de chuvas nas zonas produtoras, sobretudo de feijão, milho e arroz. Vale lembrar que este grupo, tem peso significativo nos dois índices e as variações de preços de seus produtos podem impactar positivamente e negativamente os índices gerais.

Na mesma linha da Agropecuária, segue a produção industrial, que nos dois primeiros meses do ano, continua registrando taxas negativas, acumulando no primeiro bimestre de 2012, uma taxa de -6,92% em relação a igual período de 2011. No entanto, na comparação mensal com ajuste sazonal, mês contra mês imediatamente anterior, a taxa também foi positiva de 2,5% em fevereiro sobre janeiro de 2012.

Esses resultados refletem o desempenho da Indústria de Transformação que continua com problemas de concorrência, principalmente para os segmentos que têm parte de suas atividades voltadas para o mercado externo, como: têxtil, vestuário e calçados, para citar os mais importantes na economia cearense.

Já as vendas do comércio varejista, que desde 2004 vêm registrando bons resultados, mostram-se positivas, com uma taxa acumulada, janeiro-fevereiro de 2012, de 4,5% contra o mesmo período de 2011. Essa taxa baixa para 3,1%, quando acrescidas as atividades de materiais de construção (9,1%) e de veículos, motocicletas, partes e peças (-0,7%). Deve-se ressaltar, no entanto, que o ritmo das vendas do varejo está crescendo com menor dinamismo.

O segmento externo cearense, nesse início do ano, registrou um crescimento de 4,1% nas exportações contra uma alta de 38,12% das importações. Os valores gerados implicaram numa balança comercial negativa de US\$ 279,00 milhões. Esses montantes geraram uma corrente de comércio de US\$ 936 milhões, 23,91% acima do valor obtido em igual período de 2011 (US\$ 755,8 milhões). Diante de um resultado negativo da balança comercial vale uma ressalva, ou seja, o aumento das importações maior que as exportações reflete os investimentos que estão ocorrendo no Estado, que em curto prazo podem significar perda de reservas, mas a médio e longo prazos proporcionarão retornos positivos para a economia cearense.

Mediante os resultados ainda moderados de alguns indicadores econômicos cearenses, houve uma resposta modesta do mercado de trabalho, nesses três primeiros meses de 2012, com um saldo líquido de 172 postos de trabalho. A Indústria de Construção civil (-454 vagas) e o Comércio (-1.339 vagas), que vinham empregando mão-de-obra nos últimos anos, entraram o ano de 2012 com saldos negativos. Os Serviços sustentaram uma queda no saldo de empregos formais, quando acusaram a criação de 5.493 vagas.

## 4. DESEMPENHO SETORIAL

### 4.1 Agropecuária

A safra de grãos do Ceará em 2012 deverá sofrer significativa redução, tendo em vista as oscilações climáticas e a elevada base de comparação que foi o ano de 2011, quando o Ceará obteve uma safra recorde de grãos de 1,3 milhão de toneladas. As primeiras previsões de 2012 realizadas pelo IBGE mostram uma queda de quase 50% sobre a produção de grãos de 2011 (Gráfico 5). A quantidade insuficiente e a má distribuição das chuvas para a produção agrícola devem influenciar também a produção animal.

Por outro lado, as culturas irrigadas deverão ser bem menos afetadas pelas condições climáticas que se configura em 2012, pois apresentam menor dependência e vulnerabilidade a possíveis

irregularidades de chuvas. Isso poderá amenizar a queda da produção agrícola, uma vez que se espera um crescimento médio de 3,0% para a produção de frutas, com destaque para a estimativa de crescimento de 41,9% na produção de melão. A castanha de caju também apresenta uma expectativa de crescimento de safra expressivo, 51,0%, no entanto, por se tratar das primeiras estimativas, onde não podem ser observados indicativos concretos, essa previsão deverá sofrer ajustes significativos.

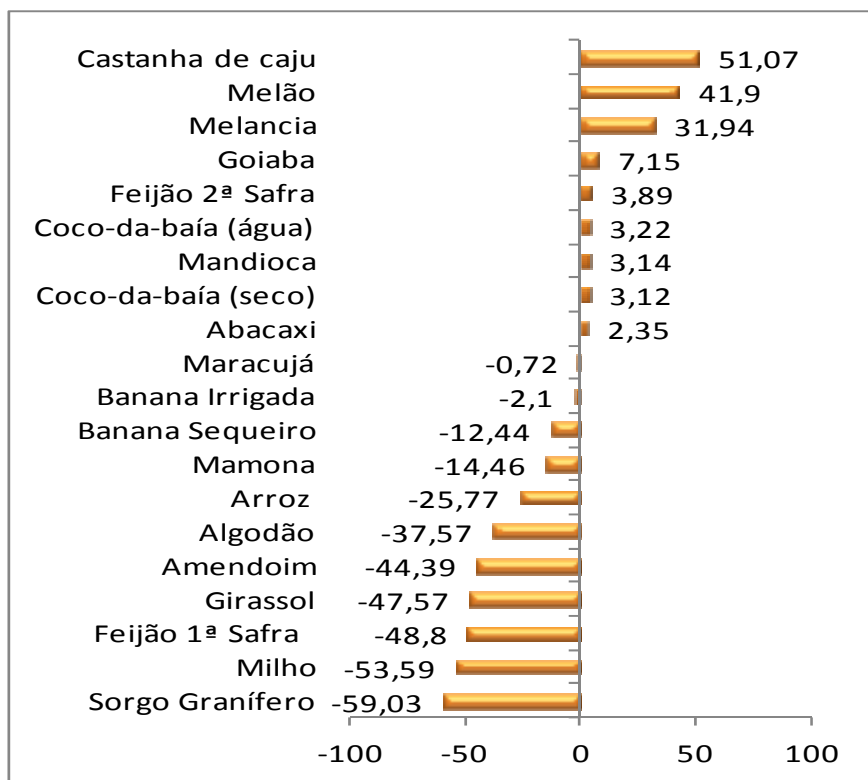
Em termos de Valor Bruto da Produção, na posição de 2012, houve uma redução no valor da produção de grãos, visto que, em 2011, observou-se uma antecipação das precipitações, com a

ocorrência de uma pré-estação chuvosa acima da média, que teve continuidade com a estação chuvosa dentro da média, permitindo que no mês de março já houvesse colheita e comercialização, bem diferente do que está ocorrendo nesse ano.

Deve-se considerar, ainda, a importância da produção de grãos para outros setores, e seu papel socioeconômico para os pequenos produtores, inclusive pela sua presença em todos os municípios do Estado, afetando, portanto, a dinâmica da economia, principalmente nos municípios do interior.

No Gráfico 5 estão as taxas da produção agrícola, destacando as principais culturas.

**Gráfico 5: Produção Agrícola, por cultura Ceará - 2011-2012**



Fonte: IBGE.

## 4.2 Indústria

Segundo os dados da PIM-PF/IBGE, a indústria cearense registrou uma queda de - 4,3% no primeiro trimestre de 2012 sobre igual período de 2011, taxa inferior a da indústria brasileira (-3,0%). O resultado foi influenciado pelo recuo na

produção de Têxtil (-22,4%), Vestuário e acessórios (-5,2%), Calçados e artigos de couros (-4,5%) e Alimentos e bebidas (-2,5%), para citar as atividades de maiores contribuições da

Indústria de Transformação cearense (Tabela 1).



**Tabela 1: Evolução da produção industrial por atividades industriais – Ceará  
1º Trim./2007-2012**

Atividades Industriais	2007	2008	2009	2010	2011	2012
<b>Indústria de transformação</b>	-1,2	4,4	-7,5	15,5	-10,4	-4,3
Alimentos e bebidas	8,1	11,1	-13,7	4,5	5,2	-2,5
Têxtil	-6,8	-10,0	6,0	15,2	-26,1	-22,4
Vestuário e acessórios	-12,3	-6,8	4,8	1,0	-5,9	-5,2
Calçados e artigos de couro	-4,0	10,8	-10,6	29,5	-23,9	-4,5
Refino de petróleo e álcool	-26,8	-18,4	30,3	-15,0	-20,4	34,0
Produtos químicos	19,3	19,0	-8,0	53,5	-7,0	1,8
Minerais não metálicos	16,6	10,3	-3,3	9,4	-4,8	-2,0
Metalurgia básica	41,2	11,5	-55,2	110,2	-13,4	24,1
Produtos de metal/excl. máq. e equipamentos	-29,7	27,3	-17,5	50,6	-5,1	-35,9
Máquinas, aparelhos e materiais elétricos	-11,4	1,1	-27,3	-4,4	19,1	10,3
<b>Indústria geral Brasil</b>	<b>3,8</b>	<b>6,4</b>	<b>-14,6</b>	<b>18,2</b>	<b>2,8</b>	<b>-3,0</b>

Fonte: IBGE.

Na análise da Indústria de Transformação com ajuste sazonal, em março/2012 sobre fevereiro, a produção industrial apresentou uma taxa positiva de 1,90%, acima da média nacional (-0,50%) e da

região Nordeste (-0,50%), na mesma comparação (Tabela 2). No entanto, na comparação trimestral, a produção industrial acumula uma taxa negativa de - 4,3% sobre o mesmo trimestre de 2011.

**Tabela 2: Evolução da produção industrial Ceará e Brasil – 2012**

Locais	Mar./Fev./2012 (*)	Mar./12-Mar./11	4º Trim./11	1º Trim./11
Amazonas	6,50	0,30	6,60	-2,00
Pará	0,90	5,50	2,90	-1,20
Ceará	1,90	1,30	6,70	-4,30
Pernambuco	0,40	0,10	3,00	5,60
Bahia	-1,30	-0,70	-4,40	8,00
Minas Gerais	-0,70	-0,70	-1,30	-1,40
Espírito Santo	0,30	-2,40	2,90	-2,40
Rio de Janeiro	2,50	-2,40	-2,50	-6,80
São Paulo	-0,30	-6,20	-4,40	-6,20
Paraná	9,80	15,00	15,20	7,40
Santa Catarina	-0,70	-6,00	-7,70	-5,90
Rio Grande do Sul	2,60	1,50	1,70	2,10
Goiás	6,70	24,70	9,70	18,80
<b>Região Nordeste</b>	<b>-0,50</b>	<b>-1,40</b>	<b>-3,00</b>	<b>4,00</b>
<b>Brasil</b>	<b>-0,50</b>	<b>-2,10</b>	<b>-2,10</b>	<b>-3,00</b>

Fonte: IBGE.

Dentre os fatores que podem ser apontados como possíveis causas para esse resultado estão os efeitos negativos da crise mundial sobre a economia do país que se intensificaram ao longo do ano de 2011. Além disso, as medidas adotadas pelos países em crise estão causando valorização da moeda nacional, resultando em perda de exportações pelos principais estados produtores e

exportadores de produtos industrializados, reduzindo o poder competitivo da indústria nacional.

#### 4.2.1 Energia Elétrica

O consumo de energia elétrica no Ceará registrou um aumento de 10,5% no primeiro trimestre de 2012 frente ao mesmo período de 2011, como

visualizado na Tabela 3. As maiores variações de consumo foram apresentadas na classe Comercial (10,45%) e Residencial (8,48%), com maiores peso no consumo total, além da Rural (36,94%).

De um modo geral, as razões para o crescimento do consumo de energia elétrica podem estar relacionadas com o maior poder aquisitivo das famílias que adquiriram eletrodomésticos e

eletroeletrônicos, apoiadas também pelo aquecimento da temperatura no Ceará, o que provocou o uso mais intensivo de ar-condicionados e ventiladores, bem como pela influência dos programas governamentais de ampliação de energia elétrica no meio rural e pela prática de irrigação, em algumas regiões do Estado.

**Tabela 3: Variação (%) do consumo de energia elétrica por classe – Ceará 1º Trim./2012  
1º Trim./2011**

Trimestres	Residencial	Industrial	Comercial	Rural	Total (*)
1º Trimestre/2011	738.875	521.908	411.039	173.902	2.124.975
1º Trimestre/2012	801.541	552.536	454.156	238.147	2.348.254
<b>Variação (%)</b>	<b>8,48</b>	<b>5,87</b>	<b>10,49</b>	<b>36,94</b>	<b>10,51</b>

Fonte: COELCE.

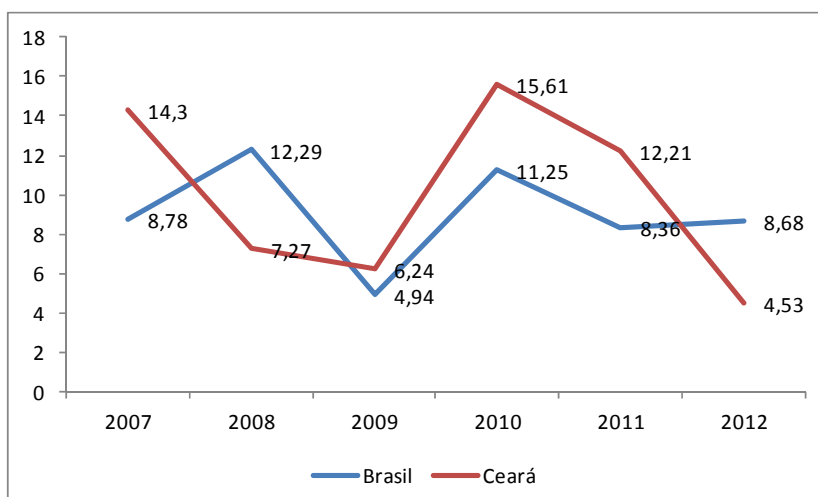
(\*) Estão inclusos outras classes somando o total.

### 4.3 Comércio Varejista

De acordo com a Pesquisa Mensal do Comércio (PMC) realizada pelo IBGE, no primeiro bimestre de 2012, o volume de vendas simplificado do

varejo cearense registrou um crescimento de 4,53% sobre igual período de 2011, mas abaixo da média nacional de 8,68% (Gráfico 6). Vale dizer que a taxa apresentada pelo varejo cearense foi a menor desde 2004.

**Gráfico 6: Volumes de vendas varejistas – Brasil e Ceará – Jan.-Fev.2007-2012**



Fonte: PMC-IBGE.

Merecem destaque os segmentos do varejo que registraram as maiores altas nos dois primeiros meses do ano comparadas a igual período de 2011 e foram os grandes responsáveis pela manutenção de crescimento do volume de vendas cearenses: Móveis e eletrodomésticos (18,87%), Combustíveis e lubrificantes (15,13%), Artigos

farmacêuticos, médiocos e outros (12,78%); Equipamentos e materiais para escritório, informática e comunicação (15,42%) e Material de construção (9,11%), para citar as mais relevantes.

Quanto ao varejo ampliado o crescimento foi de 3,1% sobre o acumulado até fevereiro de 2011, taxa inferior a média nacional, 5,4%.

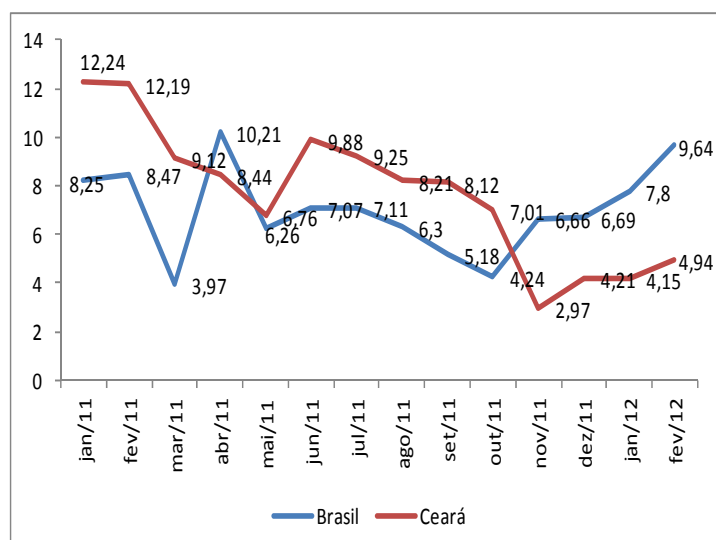
**Tabela 4: Evolução da produção industrial Ceará e Brasil – Jan.-Fev./2007-2012**

Atividades	2007	2008	2009	2010	2011	2012
Taxa simple	14,3	7,27	6,24	15,61	12,21	4,53
Combustíveis e lubrificantes	-6,10	14,46	16,66	5,81	-1,67	15,13
Hipermercados, super., prod. alimentícios, bebidas e fumo	11,55	-4,96	10,55	20,36	11,29	0,45
Hipermercados e supermercados	14,34	-5,13	10,89	20,81	11,45	0,92
Tecidos, vestuário e calçados	15,28	5,91	0,81	7,64	4,05	-6,18
Móveis e eletrodomésticos	28,22	11,47	-1,99	26,94	15,61	18,87
Artigos farmacêuticos, médicos/ortop./perfumaria/cosméticos	13,31	11,57	-0,34	7,14	23,35	12,78
Livros, jornais, revistas e papelaria	8,93	24,72	-0,45	-6,24	54,49	-3,83
Equipamentos e materiais/escritório, infor. e comunicação	27,27	79,97	2,24	27,89	18,22	-4,45
Outros artigos de uso pessoal e doméstico	21,98	19,18	17,05	0,56	11,18	-4,16
Veículos, motos, partes e peças	25,78	29,89	3,49	20,96	29,33	-0,68
Material de construção	17,66	15,33	1,00	20,43	0,59	9,11

Fonte: PMC-IBGE.

Observa-se que embora o comércio varejista tenha recebido incentivos dos governos federal e estadual, as vendas cearenses vêm perdendo dinamismo frente aos resultados nacionais, o que pode ser visto no Gráfico 7. Como prováveis causas podem ser citadas as elevadas bases de

comparação, esgotamento do boom de consumo observado até dezembro último, maior endividamento das famílias, além do grande número de feriados que reduzem potencialmente as vendas do comércio.

**Gráfico 7: Volumes de vendas varejistas mensais – Brasil e Ceará –2011-2012**

Fonte: PMC-IBGE.

#### 4.4 Comércio Exterior

O cenário conjuntural de incertezas na economia mundial, caracterizado pela crise na Europa e uma economia fragilizada nos Estados Unidos, os quais são os principais parceiros comerciais de compras estaduais, poderão restringir a dinâmica do Comércio Exterior cearense. No entanto, os

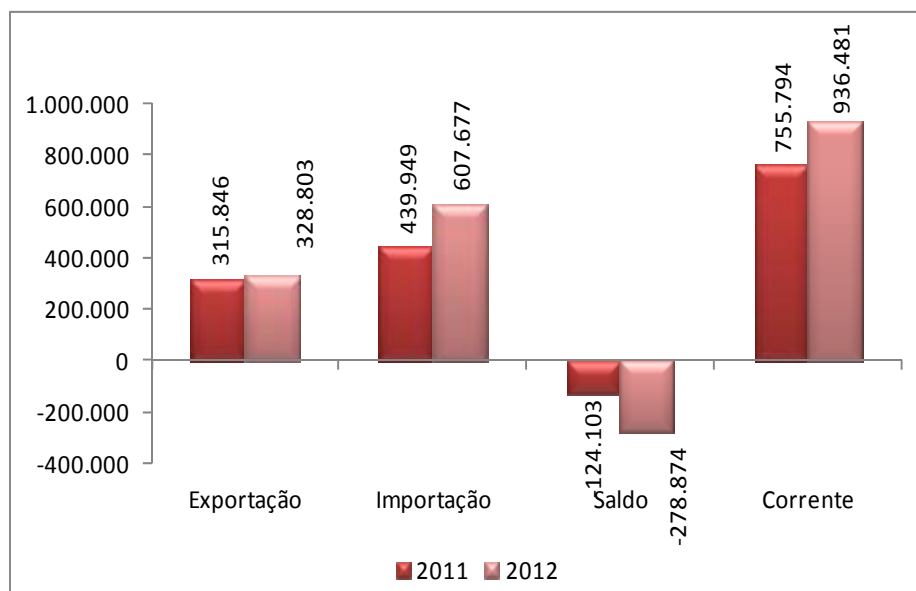
resultados para o primeiro trimestre do ano de 2012 foram favoráveis, mostrando valores considerados recordes para as exportações e importações para esse período, quando se leva em consideração os últimos dez anos.

As exportações cearenses somaram, no primeiro trimestre de 2012, US\$ 328,8 milhões, correspondendo a um crescimento de 4,1% em

relação ao mesmo período de 2011, quando o valor exportado foi de US\$ 315,8 milhões. O crescimento das importações do estado do Ceará nesta mesma comparação foi mais expressivo, 38,12%, alcançando US\$ 607,7 em 2012. A

corrente de comércio exterior, que é a soma de todas as exportações e importações, totalizou US\$ 936,5 milhões no primeiro trimestre de 2012, representando crescimento de 23,91%, frente ao mesmo período de 2011 (Gráfico 8).

**Gráfico 8: Fluxos de exportação, importação, saldo e corrente de comércio 1º Trimestre – Ceará - 2011 e 2012 (US\$ milhão FOB)**



Fonte: MDIC/SECEX.

O ritmo de crescimento das exportações cearenses no primeiro trimestre do ano foi menos intenso do que o registrado pela média nacional, de 4,10% e 7,51%, respectivamente. Dessa

forma, o Ceará se posicionou no 16º lugar, em termos de valor exportado, dentre os estados exportadores brasileiros, com participação de 0,60% no total nacional, em 2012 (Tabela 5).

**Tabela 5: Os 20 maiores estados exportadores - Brasil-1º Trimestre/2011-2012**  
(US\$ milhão FOB)

Locais	1º Trim./2011		1º Trim./2012		Var Acum. (%) 2012/11
	US\$	Part (%)	US\$	Part (%)	
1. São Paulo	12.158.837.598	23,73	12.683.035.806	23,03	4,31
2. Minas Gerais	8.514.900.002	16,62	7.800.739.328	14,16	-8,39
3. Rio de Janeiro	5.630.133.519	10,99	7.501.184.890	13,62	33,23
4. Paraná	3.219.130.444	6,28	3.834.673.104	6,96	19,12
5. Rio Grande do Sul	3.801.596.012	7,42	3.805.395.284	6,91	0,1
6. Pará	3.444.885.931	6,72	3.216.520.305	5,84	-6,63
7. Espírito Santo	3.457.271.835	6,75	3.120.636.546	5,67	-9,74
8. Mato Grosso	1.998.799.862	3,90	2.830.900.053	5,14	41,63
9. Bahia	2.040.769.839	3,98	2.555.931.142	4,64	25,24
10. Santa Catarina	1.888.035.256	3,69	2.097.168.345	3,81	11,08
11. Goiás	1.241.466.708	2,42	1.396.608.072	2,54	12,5
12. Mato Grosso do Sul	692.030.052	1,35	806.461.757	1,46	16,54
13. Pernambuco	295.793.755	0,58	645.124.466	1,17	118,1
14. Maranhão	562.946.212	1,10	611.607.667	1,11	8,64
15. Alagoas	562.340.468	1,10	490.427.711	0,89	-12,79
<b>16. Ceará</b>	<b>315.845.748</b>	<b>0,62</b>	<b>328.803.118</b>	<b>0,60</b>	<b>4,1</b>
17. Amazonas	224.919.726	0,44	205.011.610	0,37	-8,85
18. Amapá	146.843.594	0,29	132.845.832	0,24	-9,53
19. Rondônia	97.512.650	0,19	124.471.277	0,23	27,65
20. Paraíba	52.263.393	0,10	80.004.166	0,15	53,08
<b>Brasil</b>	<b>51.232.800.184</b>	<b>100</b>	<b>55.079.749.663</b>	<b>100</b>	<b>7,51</b>

Fonte: MDIC/SECEX.

Com relação aos principais produtos exportados no primeiro trimestre do ano de 2012, não houve grandes mudanças na pauta quando se compara o mesmo período de 2011. No entanto, ressalta-se a presença na pauta dos exportados dos óleos lubrificantes sem aditivos, neste trimestre de 2012, destinado exclusivamente neste período para os Estados Unidos, configurando-se como um fato atípico.

Em primeiro lugar, ainda está o grupo de calçados e partes que participa com 31,44% da pauta, com expansão de 8,80% frente ao primeiro trimestre do

ano de 2011, sugerindo uma melhora em sua demanda.

A castanha de caju é o terceiro produto no *ranking* dos mais exportados. Observou-se uma queda de 20,26% entre o primeiro trimestre de 2011 e 2012, condicionada, principalmente, pela redução da demanda dos Estados Unidos, principal comprador de castanha de caju, que reduziu suas compras em 67,33% desse produto nesse período. Mais detalhes encontram-se na Tabela 6.



**Tabela 6: Exportações de produtos selecionados – Ceará -1º Trimestre/2011-2012  
(US\$ milhão FOB)**

Produtos selecionados	1º Trim.2011	Part. %	1º Trim. 2012	Part. %	Var. %2011/2012
1 Calçados e partes	95.015.833	30,08	103.375.672	31,44	8,80
2 Couros e Peles	43.799.068	13,87	48.056.511	14,62	9,72
3 Castanha de caju	56.348.262	17,84	44.934.586	13,67	-20,26
4 Ceras vegetais	14.468.615	4,58	30.122.563	9,16	108,19
5 Frutas (exclusive castanha de caju)	20.109.020	6,37	26.985.618	8,21	34,20
6 Preparações Alimentícias Diversas	14.116.699	4,47	15.939.200	4,85	12,91
7 Têxteis	21.037.235	6,66	13.864.968	4,22	-34,09
8 Consumo de bordo	8.742.839	2,77	8.842.827	2,69	1,14
9 Produtos Metalúrgicos	12.133.619	3,84	6.312.276	1,92	-47,98
10 Minérios de ferro	5.055.434	1,60	5.992.389	1,82	18,53
11 Máquinas, equip., apar., e mat. elétricos	6.006.492	1,90	3.810.794	1,16	-36,56
12 Óleos lubrificantes sem aditivos	...	...	3.722.315	1,13	...
13 Vestuário e outros artefatos têxteis	3.310.702	1,05	3.218.198	0,98	-2,79
14 Obras de gesso, pedra, granito, mica, etc.	2.015.579	0,64	3.191.613	0,97	58,35
15 Outros sucos e extratos vegetais	3.675.261	1,16	2.309.697	0,7	-37,16
16 Demais Produtos	10.011.090	3,17	8.123.891	2,47	-18,85
<b>Ceará</b>	<b>315.845.748</b>	<b>100,00</b>	<b>328.803.118</b>	<b>100,00</b>	<b>4,10</b>

Fonte: MDIC/SECEX.

Os Estados Unidos continuam sendo o principal parceiro comercial para as compras dos produtos cearenses neste primeiro trimestre de 2012, correspondendo a 26,10% do total exportado pelo Ceará, participação bem próxima a do mesmo período no ano de 2011. Para esse país seguiram

principalmente calçados, castanha de caju e ceras vegetais.

Foi bastante destacado o crescimento das exportações para a Hungria (1.109,14%) que comprou em sua maioria couros e peles.

**Tabela 7: Principais Destinos das Exportações – Ceará - 1º Trimestre/2011-2012  
(US\$ milhão FOB)**

Países de destino	1º Trim. 2011	Part. %	1º Trim. 2012	Part. %	Var.% 2011/2012
1. Estados Unidos	83.565.040	26,46	85.805.218	26,10	2,68
2. Argentina	30.435.191	9,64	25.103.785	7,63	-17,52
3. Países Baixos (Holanda)	16.839.308	5,33	24.331.504	7,40	44,49
4. China	15.901.610	5,03	15.921.164	4,84	0,12
5. Alemanha	11.477.882	3,63	14.066.558	4,28	22,55
6. Reino Unido	19.584.943	6,20	13.989.745	4,25	-28,57
7. Itália	19.489.305	6,17	12.310.056	3,74	-36,84
8. Espanha	9.290.609	2,94	10.417.407	3,17	12,13
9. Hong Kong	4.881.301	1,55	9.052.435	2,75	85,45
10. Hungria	737.642	0,23	8.919.107	2,71	1.109,14
Demais Países	103.642.917	32,81	108.886.139	33,12	5,06

Fonte: MDIC/SECEX.

Nas importações o Ceará continua em 14º lugar no *ranking* brasileiro, com um valor de US\$ 607,7 milhões no primeiro trimestre de 2012, significando um aumento de 38,12% sobre mesmo período de 2011 (Tabela 8). A participação do

Ceará nas compras internacionais do Brasil ainda é pequena, 1,15%, porém esse valor é maior do que o verificado para o mesmo período do ano de 2011. Com relação à Região Nordeste o Ceará representou 9,7% das importações regionais.

**Tabela 8: Os 20 maiores estados importadores - Brasil-1º Trimestre/2011-2012 (US\$ milhão FOB)**

Locais	1º Trim./2011		1º Trim./2012		Var Acum. (%) 2012/11
	US\$	Part. (%)	US\$	Part. (%)	
1. São Paulo	18.375.732.879	38,21	19.553.583.985	37,14	6,41
2. Paraná	3.807.393.393	7,92	4.636.648.662	8,81	21,78
3. Rio de Janeiro	4.113.115.569	8,55	3.937.790.120	7,48	-4,26
4. Santa Catarina	3.289.993.465	6,84	3.681.984.514	6,99	11,91
5. Amazonas	2.822.584.054	5,87	3.169.923.480	6,02	12,31
6. Minas Gerais	2.629.615.961	5,47	2.829.027.589	5,37	7,58
7. Rio Grande do Sul	3.225.046.247	6,71	2.698.211.476	5,13	-16,34
8. Espírito Santo	2.324.866.633	4,83	2.262.870.737	4,30	-2,67
9. Bahia	1.471.669.624	3,06	1.971.694.541	3,75	33,98
10. Maranhão	841.094.712	1,75	1.859.640.529	3,53	121,1
11. Pernambuco	1.058.774.020	2,2	1.455.389.899	2,76	37,46
12. Goiás	1.207.555.874	2,51	1.203.114.945	2,29	-0,37
13. Mato Grosso do Sul	903.140.837	1,88	1.092.463.779	2,08	20,96
<b>14. Ceará</b>	<b>439.948.626</b>	<b>0,91</b>	<b>607.677.453</b>	<b>1,15</b>	<b>38,12</b>
15. Pará	332.999.564	0,69	397.247.998	0,75	19,29
16. Mato Grosso	273.235.305	0,57	323.096.231	0,61	18,25
17. Distrito Federal	263.514.711	0,55	299.500.421	0,57	13,66
18. Rondônia	69.896.929	0,15	182.880.502	0,35	161,64
19. Paraíba	333.377.663	0,69	147.438.914	0,28	-55,77
20. Alagoas	90.351.873	0,19	120.787.687	0,23	33,69
<b>Brasil</b>	<b>48.087.563.012</b>	<b>100</b>	<b>52.642.327.741</b>	<b>100,00</b>	<b>9,47</b>

Fonte: MDIC/SECEX.

O Ceará voltou a importar uma grande quantidade de produtos metalúrgicos em 2012 atingindo um valor recorde para o período (US\$ 163,8 milhões), com destaque para os laminados de ferro/aço.

Esse desempenho gerou um crescimento de 109,2% nas importações do setor, comparado com o primeiro trimestre de 2011.

**Tabela 9: Importações de produtos selecionados – Ceará -1º Trimestre/2011-2012 (US\$ milhão FOB)**

Produtos	1º Trim.2011	Part. %	1º Trim. 2012	Part. %	Var. % 2011/2012
1. Produtos metalúrgicos	78.305.789	17,80	163.838.019	26,96	109,23
2. Máquinas, equipamentos, aparelhos e materiais elétricos	71.501.954	16,25	105.227.243	17,32	47,17
3. Combustíveis minerais	22.097.535	5,02	85.085.137	14,00	285,04
4. Trigos e misturas de trigo	57.771.737	13,13	52.660.357	8,67	-8,85
5. Têxteis	79.815.955	18,14	34.930.142	5,75	-56,24
6. Produtos Químicos	21.218.638	4,82	27.820.159	4,58	31,11
7. Óleo de dendê	12.012.332	2,73	16.515.718	2,72	37,49
8. Plásticos e suas obras	11.010.349	2,50	13.772.218	2,27	25,08
9. Apar. Médicos, óticos e precisão	7.489.458	1,70	13.534.703	2,23	80,72
10. Cimentos" portland", comuns e Cimentos não pulverizados ("clinkers")	5.568.824	1,27	10.254.767	1,69	84,15
11. Veículos automóveis, ciclos e outros veículos terrestres	21.816.010	4,96	8.771.985	1,44	-59,79
12. Vestuários e outros artefatos têxteis	2.492.560	0,57	6.265.819	1,03	151,38
13. Vidros e suas partes	1.794.052	0,41	5.706.564	0,94	218,08
14. Papel, cartão e suas obras	7.750.799	1,76	5.531.480	0,91	-28,63
15. Aeronaves e aparelhos espaciais e suas partes	15.864.185	3,61	3.174.965	0,52	-79,99
16. Demais Produtos	23.438.449	5,33	54.588.177	8,98	132,90
<b>Ceará</b>	<b>439.948.626</b>	<b>100,00</b>	<b>607.677.453</b>	<b>100,00</b>	<b>38,12</b>

Fonte: MDIC/SECEX.

As compras oriundas dos Estados Unidos reduziram 39,6% nesse primeiro trimestre de 2012, com base no primeiro trimestre de 2011. Ainda assim os EUA estão em quarto lugar no *ranking* dos países que vendem para o Ceará. A Alemanha também apresentou redução nas vendas para o Ceará (51,0%) para o mesmo período. Dos Estados Unidos foram comprados,

sobretudo laminado de ferro/aço a frio (US\$ 13,5 milhões), betume de petróleo (US\$ 7,5 milhões). Da Alemanha vieram máquinas e equipamentos (US\$ 5,3 milhões), produtos metalúrgicos (US\$ 3,5 milhões), plásticos e suas obras (US\$ 3,2 milhões) e outras partes de veículos para vias ferras (US\$ 2,0 milhões).

**Tabela 10: Principais Origens das Importações – Ceará - 1º Trimestre/2011-2012 (US\$ milhão FOB)**

Países de origem	1º Trim. 2011	Part. %	1º Trim. 2012	Part. %	Var.% 2011/2012
1. China	67.226.648	15,28	135.329.473	22,27	101,3
2. Itália	22.176.295	5,04	75.762.343	12,47	241,64
3. Argentina	57.069.652	12,97	64.660.789	10,64	13,3
4. Estados Unidos	79.827.868	18,14	48.225.851	7,94	-39,59
5. Turquia	16.014.223	3,64	47.053.288	7,74	193,82
6. Nigéria	-	-	28.322.398	4,66	-
7. Catar	12.257.908	2,79	21.732.107	3,58	77,29
8. Equador	49.721	0,01	18.147.805	2,99	-
9. Alemanha	36.598.472	8,32	17.946.997	2,95	-50,96
10. Venezuela	9.604.895	2,18	17.759.081	2,92	84,9
Demais Países	139.122.944	31,62	132.737.321	21,84	-4,59
<b>Ceará</b>	<b>439.948.626</b>	<b>100,00</b>	<b>607.677.453</b>	<b>100,00</b>	<b>38,12</b>

Fonte: MDIC/SECEX.

## 5. MERCADO DE TRABALHO

No primeiro trimestre de 2012 houve aumento no saldo do emprego formal, quando foram admitidas 117,8 mil pessoas e demitidas 117,7, o que gerou um saldo líquido de 172 postos de trabalho (Tabela 10). Vale lembrar que é normal que no primeiro trimestre de cada ano se registre saldo menor, tendo em vista que os contratantes fazem

ajustes no quadro de pessoal que geralmente é absorvido por ocasião das comemorações de final de ano, quando há uma necessidade maior de mão-de-obra para atender a demanda, principalmente do comércio varejista.

A Tabela 10 traz em detalhes os resultados do emprego formal cearense, quando foram gerados 287,38 mil novos postos de trabalho no acumulado de 2007 a março de 2012.

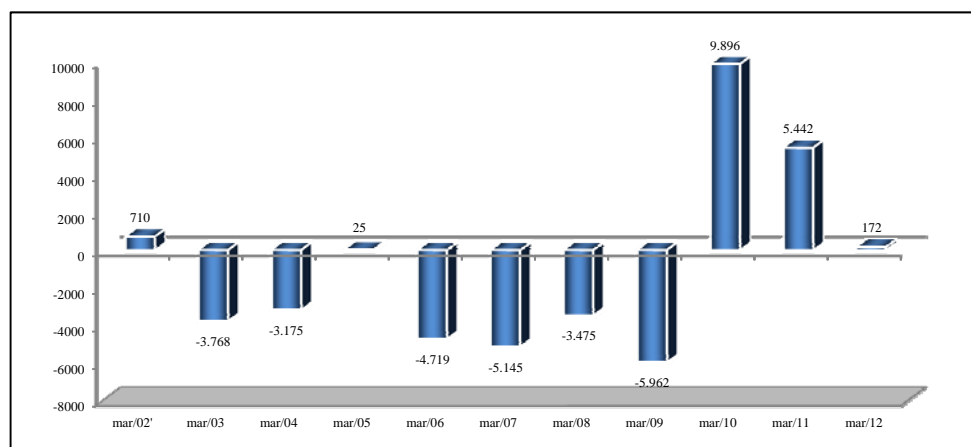
**Tabela 10: Evolução do mercado de trabalho - Ceará - 2007-Jan.-Mar./2012**

Anos	Admitidos	Desligados	Saldo Líquido
2007	295.833	256.111	39.722
2008	345.458	304.017	41.441
2009	379.204	314.768	64.436
2010	479.424	394.874	84.550
2011	519.075	462.021	57.054
Jan.-Mar./2012	117.845	117.673	172
<b>2007-Jan.-Mar./2012</b>	<b>2.136.839</b>	<b>1.849.464</b>	<b>287.375</b>

Fonte: Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (CAGED)/MTE.

O número de novas vagas de trabalho no período acumulado até março dos últimos três anos tem apresentado clara tendência de declínio no (Gráfico 9).

**Gráfico 9: Evolução do Número de Vagas de Emprego Geradas – Ceará – Acumulado até Março/2002-2012**



Fonte: Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (CAGED)/MTE.

O pequeno aumento acumulado no número de novas vagas de trabalho representou apenas um incremento de 0,02% sobre o estoque de empregos com carteira assinada no Estado do Ceará em relação à Dezembro de 2011.

Observa-se que os Serviços lideraram o número de empregos formais no Ceará, com um

acumulado de 116 mil postos de trabalho, seguidos do Comércio (72 mil vagas), Indústria de Transformação (51 mil vagas), para citar os mais significativos. Os detalhes para cada ano estão expressos na Tabela 11.

**Tabela 11: Evolução do Emprego por Setor Ceará - 2007 - Jan.-Mar./2012**

Setores Atividades	Saldos Líquidos (Admitidos-Desligados)					
	2007	2008	2009	2010	2011	2012
<b>Geral</b>	39.722	41.441	64.436	84.550	57.054	172
Transformação	13.340	6.716	21.130	14.161	2.047	-1.365
Construção civil	3.531	3.344	9.816	16.190	6.728	-454
Serviços	11.156	16.236	21.439	33.412	27.909	5.493
Alojamento e Alimentação (*)	5.197	6.846	7.498	13.668	7.241	630
Com. Adm. Imóveis (*)	1.367	6.289	3.992	12.198	10.949	2.453
Comércio	10.408	11.673	12.559	20.675	17.938	-1.339
Agropecuária	255	1.311	-1.467	-1.178	1.506	-2.314

Fonte: Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (CAGED)/MTE.

Dentre os municípios com relevância econômica no Ceará, Fortaleza lidera, por ser a maior economia e pela sua diversificação, os saldos de empregos formais, tanto no primeiro trimestre de 2012, como também no acumulado a partir de 2007, como está expresso

na Tabela 12. Os demais municípios apresentam oscilações que estão ligadas a dinâmica de suas economias.

**Tabela 12: Evolução do Emprego por Município - Ceará - 2007 - Jan.-Mar./2012**

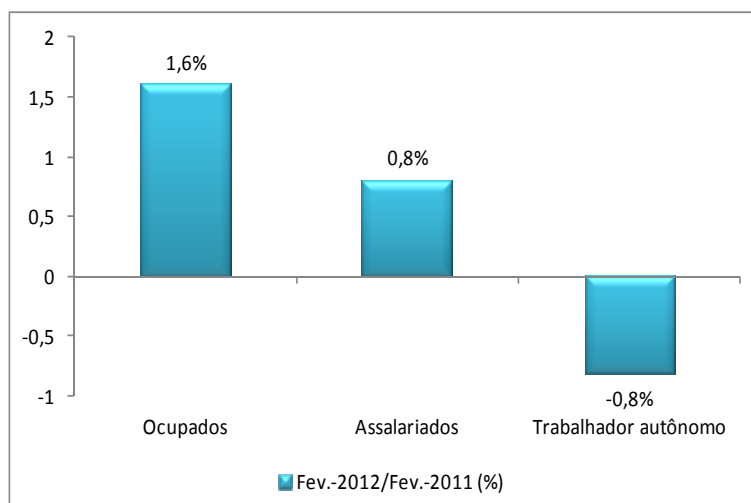
Municípios Selecionados	Saldos Líquidos (Admitidos-Desligados)					
	2007	2008	2009	2010	2011	Jan.-Mar./2012
Geral	39.722	41.441	64.436	84.550	57.054	172
Fortaleza	2.468	30.012	35.391	54.895	38.634	1.771
Aquiraz	410	630	1.354	875	852	317
Caucaia	215	1.384	554	2.318	-242	62
Maracanaú	225	1.695	3.494	3.869	1.486	987
Maranguape	534	-64	583	1.424	-778	39
Juazeiro do Norte	-326	1.028	2.470	2.944	3.915	-173
Eusébio	-209	1.347	2.510	2.645	2.915	434
Sobral	-1.422	-1.707	9.665	-1.271	-1.014	-926
Horizonte	193	1.360	1.734	3.877	-1.867	-147
São Gonçalo do Amarante	8	-132	9	3.060	221	-184

Fonte: Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (CAGED)/MTE.

Os resultados de março de 2012 da Pesquisa de Emprego e Desemprego (PED) realizada pelo Instituto de Desenvolvimento do Trabalho (IDT) em parceria com o Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (DIEESE) apontam para a terceira elevação consecutiva na taxa de desemprego da Região Metropolitana de Fortaleza (RMF), passando de 8,5%, em fevereiro, para 9,6%, em março de 2012. Segundo o IDT esse comportamento já é previsto para os três primeiros meses de cada ano, tendo em vista o

ajuste no estoque de emprego, pela maior absorção no final de ano.

Quanto aos rendimentos, de janeiro para fevereiro de 2012, o rendimento médio real cresceu 1,6%, para a categoria de ocupados e 0,8% para os assalariados, equivalendo aos valores, respectivamente, R\$ 987 e R\$ 1.028. Ressalte-se que a categoria do trabalhador autônomo foi a única que apresentou queda, de 0,8%, ficando seu rendimento médio em R\$ 739.

**Gráfico 10: Ganho real do rendimento médio por categoria – RMF – Fev./2012-Fev./2011 (\*)**

Fonte: Convênio IDT/Sine-CE, STDS, Fundação Sead-Dieese e MTE/FAT.

(\*) Inflator utilizado – INPC/RMF – IBGE. Valores em Reais de Fevereiro de 2012.



## 6. FINANÇAS PÚBLICAS

### 6.1 Resultado Fiscal

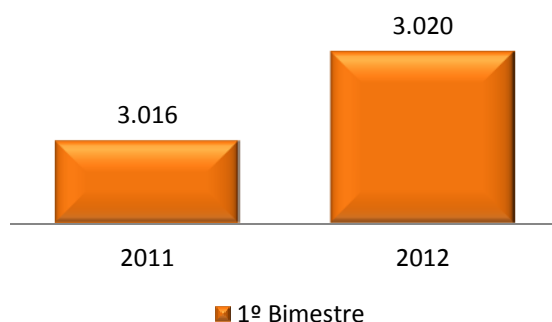
No primeiro bimestre de 2012 o Estado apresentou um superávit primário, diferença entre receitas correntes e despesas correntes, de R\$ 1.841,19 milhões, segundo dados do Relatório de execução Orçamentária da Secretaria do Tesouro Nacional. Comparativamente, no ano de 2011, houve um déficit primário da ordem de R\$ 240,73 milhões. Estes resultados refletem o grande volume de gastos em investimento, R\$ 2,5

bilhões, realizados no ano de 2011. Cabe destacar que o acúmulo de poupança gerada em exercícios anteriores permitiu o Estado alavancar seu programa de investimento, sem prejuízo de sua situação financeira.

### 6.2 Receitas

No primeiro bimestre de 2012 as Receitas Estaduais totalizaram R\$ 3,0 bilhões, representando um crescimento real de 0,1% em relação a igual período do ano anterior.

**Gráfico 10: Receita Orçamentária Total a preços constantes, Ceará – 2011-2012 (\*)**



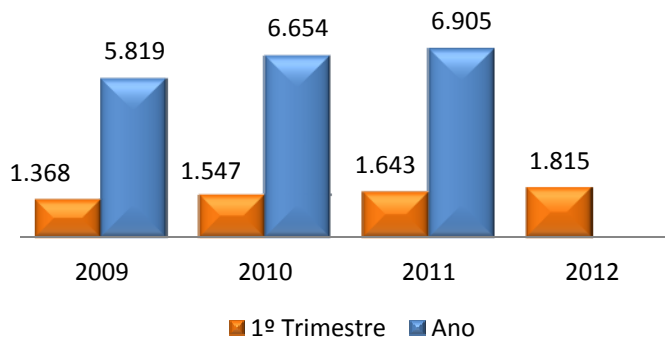
Fonte: Sefaz-Sic/Smart.

(\*) R\$ milhões, corrigidos pelo IPCA a preços do 1º trimestre de 2012.

Entre as receitas de arrecadação própria, a mais relevante é o ICMS que, no primeiro trimestre de 2012, apresentou uma arrecadação de, aproximadamente, R\$ 1,8 bilhão, frente a uma arrecadação em torno de R\$ 1,6 bilhão, obtida no primeiro trimestre de 2011. Dessa forma, esse

tributo apresentou um crescimento real de quase 10,5% quando se compara o primeiro trimestre de 2012 com o de 2011. Ressalte-se que esse tributo representou, no ano de 2011, 47% das receitas orçamentárias do Estado.

**Gráfico 11: ICMS a preços constantes, Ceará – 2009-2012 (\*)**



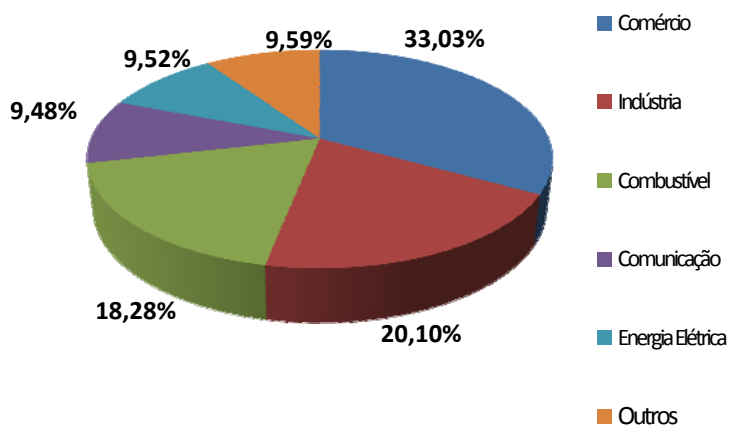
Fonte: Sefaz-ADINS/Estudos Econômicos Tributários.

(\*) R\$ milhões, corrigidos pelo IPCA a preços do 1º trimestre de 2012.

Em relação à composição do ICMS para o ano de 2011, verifica-se pelo Gráfico 12 que o setor de maior arrecadação é o Comércio com 33,03 % do ICMS total, seguido da Indústria (20,10%), Combustível (18,28%), Energia Elétrica (9,52%),

Comunicação (9,48%), e a Categoria Outros (9,59%).

**Gráfico 12: Composição do ICMS, Ceará – 2011**

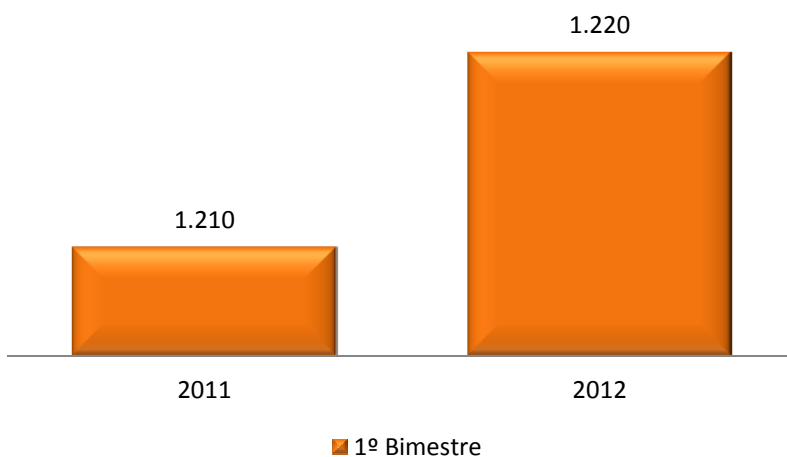


Fonte: Sefaz-Sic/Smart.

Relativamente às transferências de recursos da União para o Estado observa-se que houve um crescimento de apenas 0,8% entre o primeiro

bimestre de 2012 e o de 2011. Assim, até fevereiro de 2012, foram transferidos R\$ 1.220 milhões para o Estado

**Gráfico 13: Transferências da União a preços constantes, Ceará – 2011-2012 (\*)**



Fonte: Sefaz-Sic/Smart.

(\*) R\$ milhões, corrigidos pelo IPCA a preços do 1º trimestre de 2012.

Dentre as receitas oriundas das Transferências da União, a mais relevante é o Fundo de Participação dos Estados (FPE), responsável, no primeiro bimestre de 2012, por 29,1% do total das receitas orçamentárias do Estado. Até fevereiro de 2012,

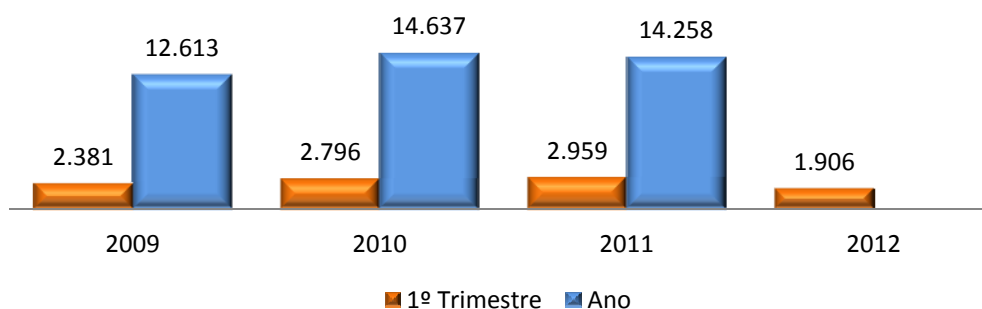
esta receita totalizou R\$ 880 milhões, representando, em termos reais, valor idêntico a igual período de 2011.

### 6.3 Despesas

A Despesa Total do Governo do Estado alcançou no 1º Trimestre de 2012 R\$ 1,9 bilhão, com uma queda, em termos reais, de aproximadamente 36% em relação ao mesmo período do ano de

2011. Em termos de participação, os principais componentes da Despesa Total do Estado são Pessoal e Encargos Sociais (38,63%), Outras Despesas Correntes (38,44%) e Investimentos (17,98%).

**Gráfico 14: Despesa Total a preços constantes, Ceará – 2009-2012 (\*)**



Fonte: Sefaz-Sic/Smart.

(\*) R\$ milhões, corrigidos pelo IPCA a preços do 1º trimestre de 2012.

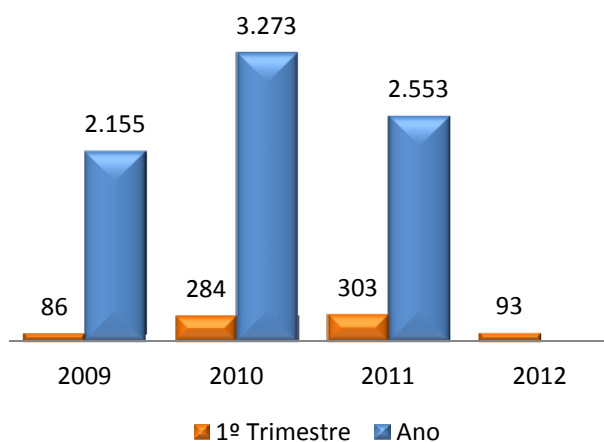
A conta Despesa com Pessoal e Encargos Sociais correspondeu no 1º Trimestre de 2012 a R\$ 1,2 bilhão, registrando queda em termos reais de, aproximadamente, 4% em relação ao mesmo período do ano anterior.

Em relação aos gastos com Investimentos, verifica-se pelo Gráfico 15 que nos últimos três anos os gastos médios com investimentos situaram-se em torno de R\$ 2,6 bilhões. Para o ano de 2012 há uma previsão de gastos com

Investimentos entre R\$ 4,5 e R\$ 5,0 bilhões, situando-se em patamar bem acima do recorde registrado em 2010.

As Outras Despesas Correntes somaram no 1º Trimestre de 2012, R\$ 487 milhões, com queda real de 62% com relação ao mesmo período do ano anterior.

**Gráfico 15: Despesas com Investimentos, Ceará – 2007-2010 (\*)**



Fonte: Sefaz-Sic/Smart.

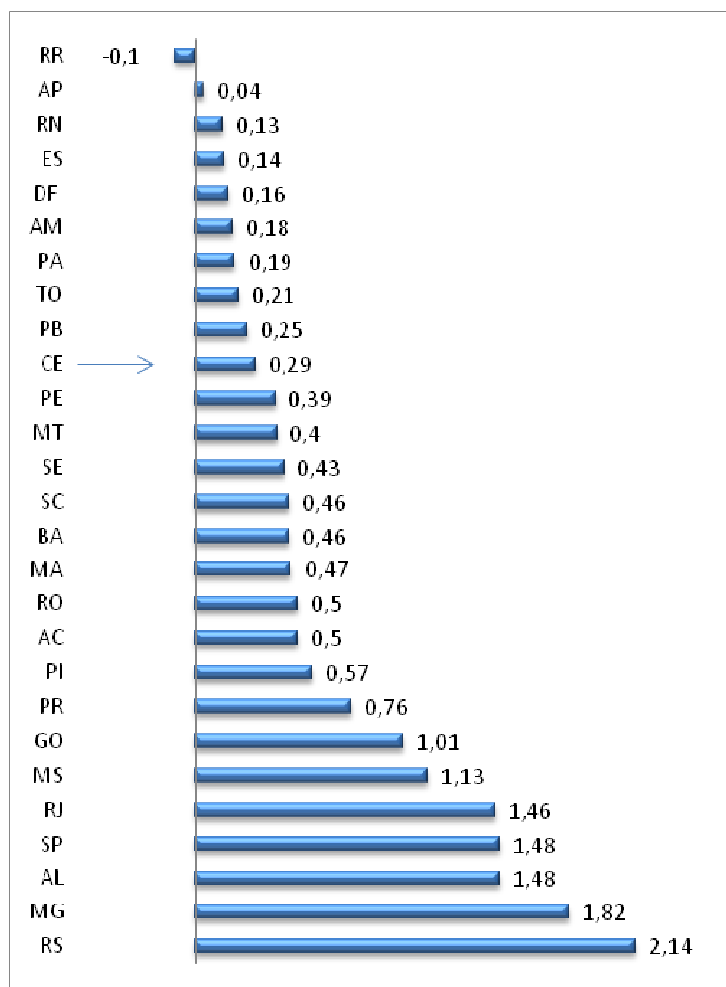
(\*) R\$ milhões, corrigidos pelo IPCA a preços do 1º trimestre de 2012.

## 6.4 Dívida

O Estado do Ceará encerrou o ano de 2011 com uma Dívida Consolidada Líquida de, aproximadamente, R\$ 3,2 bilhões. Há uma redução contínua da relação Dívida Consolidada Líquida/Receita Corrente Líquida (DCL/RCL) nos últimos anos, atingindo o patamar de 0,29 em 2011, posicionando-se entre os mais baixos da federação e bem abaixo do limite de

endividamento que é de duas vezes a Receita Corrente Líquida, que considera o conceito de dívida consolidada líquida, da qual exclui os haveres financeiros conforme determina a Resolução nº 43, de 2001 do Senado Federal. Apesar desse baixo nível de endividamento, o Estado tem mostrado um pesado compromisso com o pagamento do serviço da dívida, por conta de um cronograma de amortizações concentrado no curto prazo.

**Gráfico 16: Dívida Consolidada Líquida em relação à Receita Corrente Líquida Estados da Federação – 2011 (\*)**



Fonte: STN – Secretaria do Tesouro Nacional.

(\*) Os dados dos estados de Amazonas (AM) e Amapá (AP) referem-se a posição em 30/08/11.

## 7. INTERMEDIÇÃO FINANCEIRA

No final de janeiro de 2011 o saldo das operações de crédito no Nordeste chegou a R\$ 188,6 bilhões sendo que 45,7% foram realizadas pelas pessoas físicas e 54,3% por pessoas jurídicas. Um ano após, essas operações de crédito cresceram nominalmente 25,5% ocorrendo uma pequena elevação na participação das operações com pessoas físicas passando para 47% no final de

janeiro de 2012. No Ceará a variação nominal nas operações de crédito, no mesmo período, cresceram 23,9%, sendo maior apenas que os Estados de Alagoas e Pernambuco. No tocante ao mês de janeiro de 2012 o Ceará realizou R\$ 34,5 bilhões em operações de crédito perdendo apenas para a Bahia e Pernambuco dos Estados do Nordeste e deste total 44,4% foram realizadas por pessoas físicas (Tabela 13).

**Tabela 13: Saldo das Operações de Crédito do SFN do Nordeste e seus Estados jan/2011 e jan/2012**

Locais	Saldo Operações de Crédito do SFN (R\$ milhões)(1)						Variação Nominal (total)	Part. (%) janeiro de 2012 (total)
	Janeiro 2011			Janeiro 2012				
	2011			2012			(b) / (a) (%)	
	Pessoas Físicas	Pessoas Jurídicas	Total (a)	Pessoas Físicas	Pessoas Jurídicas	Total (b)		
Alagoas	5.130	4.556	9.686	6.743	4.735	11.478	18,50	4,80
Bahia	22.925	29.391	52.316	29.738	37.420	67.158	28,40	28,40
Ceará	11.641	16.225	27.866	15.341	19.173	34.514	23,90	14,60
Maranhão	9.142	6.449	15.591	11.763	8.160	19.923	27,80	8,40
Paraíba	6.812	3.671	10.483	8.710	4.945	13.655	30,30	5,80
Pernambuco	14.982	29.995	44.977	18.851	35.326	54.177	20,50	22,90
Piauí	4.270	3.389	7.659	5.583	3.925	9.508	24,10	4,10
R. G. Norte	6.809	4.997	11.806	8.633	6.750	15.383	30,30	6,50
Sergipe	4.496	3.726	8.222	5.870	4.575	10.445	27,00	4,50
<b>Nordeste</b>	<b>86.214</b>	<b>102.400</b>	<b>188.614</b>	<b>111.231</b>	<b>125.458</b>	<b>236.689</b>	<b>25,50</b>	<b>100,00</b>

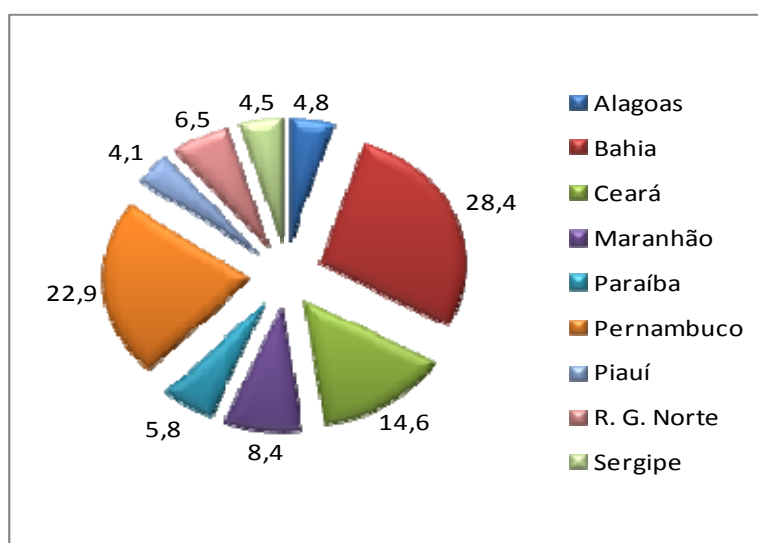
Fonte: Banco Central do Brasil (BCB).

(1) Saldo das operações de crédito realizadas pelos bancos múltiplos, bancos comerciais, Caixa Econômica Federal, bancos de investimento, bancos de desenvolvimento, companhias hipotecárias, agências de fomento e sociedades de arrendamento mercantil.

O Gráfico 17 retrata a participação de cada Estado do Nordeste no total das operações de créditos do Sistema Financeiro Nacional realizado no Nordeste do Brasil no mês de janeiro de 2012. Do total das operações de crédito realizadas o Ceará participou com 14,6% ficando atrás dos Estados da Bahia e Pernambuco. Fora os três Estados citados todos os outros que pertencem a

Região Nordeste ficaram distantes do Ceará em termos de operações de crédito, cabendo destacar o Piauí, com uma participação de apenas 4,1% nas operações de crédito no Nordeste. Por outro lado, dois estados, Bahia e Pernambuco, responderam por metade das operações de créditos realizadas em janeiro de 2012.

**Gráfico 17: Participação dos Estados do Nordeste nas Operações de Créditos em janeiro de 2012**



Fonte: Banco Central do Brasil (BCB).



Tabela 14 apresenta a taxa de inadimplência nas operações de crédito do Sistema Financeiro Nacional na Região Nordeste tanto das pessoas físicas como das jurídicas referente ao mês de janeiro de 2011 e janeiro de 2012. Esta informação é dada pelo Banco Central do Brasil referente ao valor das operações de crédito vencidas a mais de 90 dias sobre o total das operações de crédito.

No Nordeste a taxa de inadimplência sofreu uma pequena elevação passando dos 3,4% em janeiro de 2011 para 3,8% em janeiro de 2012. No caso específico das pessoas físicas a inadimplência ficou em torno de 5,6% bem superior a

apresentada pelas pessoas jurídicas que ficou em 2,3%.

No Ceará a taxa de inadimplência passou de 3,2% em janeiro de 2011 para 3,9% em janeiro de 2012, ficando próxima dos resultados apresentado pelo Nordeste. Da mesma forma verificamos que a inadimplência das pessoas físicas (5,6%) ficou muito acima do das pessoas jurídicas (2,6%) em janeiro de 2012.

Dos Estados do Nordeste a maior inadimplência no grupo das pessoas físicas foi verificada no Maranhão, com 6,8%, e a mais baixa, em Sergipe, com 4,1%.

**Tabela 14: Taxa de Inadimplência nas Operações de Crédito do SFN do Nordeste e seus Estados jan/2011 e jan/2012**

Locais	Taxa de Inadimplência das Operações de Crédito do SFN (%) (1)					
	Janeiro			Janeiro		
	2011			2012		
	Pessoas Físicas	Pessoas Jurídicas	Total	Pessoas Físicas	Pessoas Jurídicas	Total
Alagoas	5,10	3,20	4,20	5,40	2,40	4,10
Bahia	5,40	1,90	3,40	5,50	2,80	4,00
<b>Ceará</b>	<b>5,10</b>	<b>1,90</b>	<b>3,20</b>	<b>5,40</b>	<b>2,60</b>	<b>3,90</b>
Maranhão	6,20	3,30	4,90	6,80	3,00	5,20
Paraíba	4,50	4,00	4,30	5,10	2,20	4,10
Pernambuco	5,30	1,20	2,40	5,80	1,50	3,00
Piauí	5,20	2,90	4,10	5,90	2,50	4,50
R. G. Norte	4,90	2,50	3,8	5,30	2,50	4,10
Sergipe	3,80	2,40	3,10	4,10	1,90	3,20
<b>Nordeste</b>	<b>5,20</b>	<b>2,00</b>	<b>3,40</b>	<b>5,60</b>	<b>2,30</b>	<b>3,80</b>

Fonte: Banco Central do Brasil (BCB).

(1) Corresponde ao valor das operações vencidas há mais de 90 dias sobre o total das operações de crédito.

## 8. CONSIDERAÇÕES GERAIS

A previsão, para 2012, é que a economia cearense cresça em torno de 5,0%, com melhor resultado do que a economia nacional. Esse desempenho vai ser condicionado, principalmente, pela manutenção, em níveis elevados, dos investimentos públicos do governo estadual e a expansão das atividades relacionadas aos setores econômicos mais voltados para o mercado interno, notadamente comércio e construção civil.

A perspectiva para 2012 não são das mais favoráveis com relação ao setor Agropecuário, devido aos problemas de irregularidades climáticas. Vale ressaltar que a Agropecuária contribui com 5,1% para a economia do Estado, mas é um setor que influencia outras atividades econômicas como as Indústrias de Alimentos e Bebidas, bem como o segmento das exportações.

O desempenho da indústria em 2012 dependerá sobremaneira dos resultados da Indústria de

Transformação, tendo em vista que pesa mais de 50% na composição industrial e 24,5% na economia estadual. É importante lembrar que na comparação mensal mês sobre o mês imediatamente anterior, a produção industrial esboçou uma recuperação. No entanto, o indicador acumulado no ano em relação aos dois primeiros meses de 2011, ainda apresenta resultados negativos.

A Construção civil adentrou o ano de 2012 com um menor dinamismo frente ao ano anterior, em parte por conta das chuvas ocorridas nos dois primeiros meses, sobretudo em Fortaleza. Espera-se que as obras públicas e as facilidades de créditos devam incrementar essa atividade ao longo do ano.

O setor de Serviços, que pesa 70,4% da economia cearense, promete ser novamente o sustentáculo do crescimento da economia cearense no fechamento do ano de 2012. Os segmentos Comércio e as atividades ligadas ao Turismo deverão apresentar variações positivas.

Embora, no caso do Comércio, os meses de janeiro e fevereiro tenham registrado um menor ritmo em suas vendas, deve-se ressaltar que esse é um comportamento normal para o período, tendo em vista que grande parte dos consumidores tem sempre no início de ano contas fixas para pagar, como impostos, compra de material escolar e outras despesas típicas.

Mas o segmento espera boas vendas no decorrer do ano, com as medidas que estão previstas para o aquecimento do mercado interno.

## 9. PONTO DE VISTA

### Dinâmica populacional e desenvolvimento econômico

**Adriano Sarquis Bezerra de Menezes**  
Diretor de Estudos Econômicos

Em abril último, o IPECE, através de sua diretoria de estudos sociais, lançou um Informe sobre o perfil municipal de Fortaleza, contemplando uma análise sobre a evolução de alguns aspectos demográficos dessa cidade. O referido estudo chegou a conclusões importantes a partir de análises sobre a evolução da população da capital do Estado, densidade demográfica, faixa etária, taxa de dependência etc., mas também abriu a possibilidade para se fazer algumas observações adicionais sobre a dinâmica demográfica dos municípios cearenses no período de 2000 a 2010.

A motivação para inserir a questão demográfica nas discussões que ocorrem no âmbito do IPECE provém do reconhecimento quanto à importância dessa variável para o desenvolvimento econômico. E o desenvolvimento, da forma como entendemos, só é alcançado quando o crescimento econômico pode ser traduzido na melhoria das condições de vida da população, dentro de um processo multidimensional, que incorpora a ampliação da renda domiciliar *per capita*, bem como a melhoria das condições de saúde, educação, moradia, segurança pública etc, tudo isso, enfim, contribuindo para o bem-estar geral da sociedade.

A definição mais rica e atual sobre o tema foi dada por Amartya Sen, quando definiu a liberdade como o principal objeto do desenvolvimento, associando essa expressão às oportunidades econômicas, liberdades políticas, serviços sociais, transparência e segurança pública. Portanto, o desenvolvimento passou a ser considerado a partir de uma visão integrada das atividades econômicas, sociais e políticas.

Partindo dessa compreensão, uma questão básica emerge, que é entender qual a relação entre a dinâmica populacional e o desenvolvimento econômico nacional. Ou seja, em que medida a evolução demográfica impõe os limites e desafios às políticas públicas que vão proporcionar o bem estar humano das gerações atuais e futuras. Este é um aspecto importante do processo de desenvolvimento que, geralmente, tem merecido pouca atenção no planejamento das cidades.

Portanto, a variável populacional assume um papel importante nas análises, especialmente quando se considera que o modelo de desenvolvimento adotado no País, no pós-guerra, assentado no binômio industrialização com urbanização, resultou em intenso processo de urbanização, bem como na formação de uma malha urbana fortemente concentrada no eixo litorâneo, contemplando cidades de porte médio e grande do País. No caso do Ceará, é possível observar o intenso crescimento populacional da região metropolitana de Fortaleza ao longo desse período, chegando a responder por 43% da população do Estado em 2010. Se incorporarmos outras três aglomerações urbanas com importância econômica (Juazeiro do Norte, Sobral e Crato), a concentração demográfica eleva-se para praticamente 50% do total estadual, compreendendo apenas 18 municípios, algo em torno de 10% dos municípios cearenses (184 cidades).

Como se observa, o padrão migratório das últimas décadas tem sido caracterizado por movimentos populacionais em direção à região metropolitana de Fortaleza e alguns municípios de maior dinâmica econômica, permanecendo, no entanto, o padrão de migração de populações das zonas rurais para as áreas urbanas, principalmente nos municípios localizados nas faixas mais inóspitas do semiárido cearense. Na Tabela 01 apresentamos os 10 municípios cearenses com as maiores taxas anuais de crescimento demográfico, no período 2000 a 2010, onde se destacam as cidades de maior atrativo populacional, muitas delas apresentando maior dinamismo econômico, bem como os 10 municípios que apresentaram saldo migratório negativo, concentrados majoritariamente, no Sertão cearense e com a economia operando dentro dos padrões tradicionais e forte dependência do setor agrícola.

**Tabela 01 - Ceará: Evolução Populacional de Municípios Seleccionadas 2000 - 2010**

<b>Municípios de Maior Crescimento</b>	<b>Taxa Média Anual 2000 -2010</b>	<b>Municípios de Menor Crescimento</b>	<b>Taxa Média Anual 2000 -2010</b>
Horizonte	5,03	Lavras da Mangabeira	-0,04
Eusébio	3,87	Jaguaretama	-0,09
Jijoca de Jericoacoara	3,47	Ipueiras	-0,09
Pacajus	3,45	Cariré	-0,15
Pacatuba	3,41	Jaguaribe	-0,19
Caucaia	2,65	Tamboril	-0,20
Mulungu	2,59	Aurora	-0,26
Maranguape	2,57	Senador Pompeu	-0,28
Caridade	2,52	Orós	-0,29
General Sampaio	2,48	Saboeiro	-0,30

Fonte: IBGE. Elaboração: IPECE. \* Dados definitivos do Censo Demográfico, 2010.

O que nos interessa reter desta análise é a característica concentradora do movimento demográfico. Assim, pode-se deduzir que a

tendência do movimento populacional é de convergência para aquelas áreas já economicamente consolidadas ou em expansão.

Isso pode ser constatado quando se observa o crescimento do Coeficiente de Gini espacial da população, que passou de 0,5972, em 2000, para 0,6102, em 2010, revelando, portanto, o caráter concentrador da distribuição populacional.

Certamente, a atual morfologia da rede urbana do Estado, formatada há décadas, constitui um importante inibidor dos efeitos das políticas públicas para o desenvolvimento regional, principalmente se considerarmos o intenso processo de descentralização fiscal para as esferas menores de Governo, advindo com a Constituição de 1988. Sem estrutura adequada para absorverem as novas atribuições, a maior parte dos municípios tem respondido, de forma ineficiente, às demandas de sua população, cuja sobrevivência vem sendo condicionada pelas transferências governamentais federais (aposentadorias e pensões), programas de ajuda do Governo Federal (tipo Bolsa Família) ou, ainda, pela renda proveniente da atividade agropecuária, exercida em condições bastante precárias e sujeitas às adversidades climáticas. Logicamente, essa situação contribui para a persistência do êxodo rural, levando a um crescimento desordenado dos centros urbanos do Estado e piorando as condições de vida de toda a população.

Para concluir, vale destacar um outro aspecto importante desse processo, que tem a ver com a transmissão de cultura e conhecimento que ocorre nesses movimentos migratórios, especialmente os de natureza interna. À medida que se intensificam, podem induzir uma espécie de sincretismo cultural nos vários espaços em que se estabelecem, fragilizando os elementos condicionantes à formação do capital social, uma vez que deixa de existir no âmbito local uma base cultural comum necessária à criação das redes sociais.

Certamente, esse quadro constitui um grande desafio para o Estado, razão porque para enfrentá-lo o Governo tem adotado diversas ações estruturadoras, como forma de promover a interiorização do desenvolvimento, possibilitando, assim, a formação de novos polos econômicos que contribuam para uma melhor distribuição da

população em áreas, ainda não congestionadas em termos demográficos e econômicos.

### **Desempenho escolar, violência e background familiar nas escolas públicas do estado do ceará**

**Daniel Cirilo Suliano**

Sabe-se que, apesar dos avanços nos últimos 15 anos, a educação no Brasil ainda está muito aquém do ideal. De fato, mesmo com quase 100% das crianças já freqüentando a escola, a qualidade do ensino ainda está longe do ideal. De acordo com testes de aptidão internacional, o Brasil ocupou as três últimas posições nas provas realizadas de Matemática, Línguas e Ciências.

Dados do SAEB também mostram que cerca de  $\frac{3}{4}$  dos alunos da 4ª série da rede pública não dominam as operações básicas da matemática. No caso das escolas privadas, pouco menos de  $\frac{1}{3}$  deles também estão na mesma situação. Somente 8% dos alunos da 4ª série estão com aprendizado adequado, enquanto na 8ª série este percentual é de apenas 3%.

No âmbito do Ensino Fundamental, algumas pesquisas mostram que a estrutura familiar chega a ser responsável por até 70% da variação do desempenho das crianças. Isso é um indicativo de que boa parte do que se conhece hoje de diferença de rendimento dentro da escola é algo que já vem com os próprios alunos, não sendo, portanto, determinado em sala de aula. Isso não significa dizer que a escola não seja determinante e muito menos importante para o ensino já que as evidências também apontam que os alunos das escolas privadas de características familiares similares aos alunos das escolas públicas acabam tendo desempenho melhor nos exames padronizados. Além disso, destaque-se que na rede pública os resultados das notas dos alunos variam de 10% a 30% sinalizando que o efeito da gestão escolar deve em algum grau fazer a diferença.

Outros resultados relevantes da literatura e que afetam positivamente o desempenho escolar estão relacionados à experiência do professor, o fato de o aluno ter feito pré-escola e a

escolaridade das mães (*peer effect*). Por outro lado, embora com evidências fracas e efeito não esperado no desempenho dos estudantes estão a proporção de professores que participam de treinamento e a escolha do diretor por eleição.

Outros trabalhos mostram também evidências de que a violência impacta de forma negativa na proficiência dos alunos. Alguns dos resultados indicam um aprofundamento na desigualdade de desempenho devido à violência: alunos que convivem com violência são os que têm as piores proficiências.

Especificamente para o Ceará, as evidências empíricas com base na Prova Brasil 2007 acompanham os resultados de âmbito nacional. De fato, em média, um aluno da 8ª série do ensino fundamental da rede pública estadual do Ceará sabe ler a horas de um relógio de ponteiro, mas não consegue transformar fração em porcentagem.

Em termos de variáveis relacionadas às características dos alunos, mais de 1/3 foram reprovados ao menos uma vez. Os dados também mostram que mais de 20% dos alunos cearenses da 8ª série do ensino fundamental já exercem alguma atividade laboral. Por outro lado, a variável indicadora de pré-escola, muito ligada também à formação de capital humano, registra 85% de frequência por parte deles.

No caso do acesso à Internet, mesmo que não seja um fator que determine um bom desempenho escolar, e existem diversas evidências que este seja o caso, sua disponibilidade por si só mostra algumas discrepâncias entre alunos: apenas 5% dos estudantes da rede de ensino estadual do Ceará que estão na 8ª série do ensino fundamental tem acesso a ela.

Pode-se também destacar variáveis relacionadas à qualidade de ensino da escola. No caso da variável referente ao desenvolvimento do conteúdo do professor, observa-se que apenas 25% deles transmitiram mais de 80% da matéria. Um efeito indireto e importante que se pode aqui considerar a partir dessa evidência é a presença do professor em sala de aula: caso a falta de conteúdo seja decorrente de sua ausência, o dado

torna-se ainda mais preocupante. De fato, as poucas evidências relacionadas ao aprendizado na escola são aquelas concernentes ao ensinamento da matéria e que é transmitida pelo professor: caso ela não esteja sendo cumprida, é algo que precisa ser observado.

Para a variável que mede a violência, observou-se uma grande dispersão indicando haver nas escolas do Ceará alto e baixo grau de violência, pelos menos em termos relativos.

Conforme já observado na literatura, um ambiente escolar de qualidade é um fator preponderante para um bom desempenho escolar. Como esse efeito foi medido através da escolaridade da mãe nas escolas, pode-se supor que em um ambiente onde os responsáveis pelos alunos agem com maior mobilização e são mais exigentes com o compromisso da escola no aprendizado os resultados gerados tendem a ser uma melhora no desempenho escolar.

Por fim, deve-se destacar a importância tanto do compromisso do aluno com os estudos como também do empenho do professor em sala de aula. Em termos de políticas públicas, pode-se pensar em um mecanismo de maior exigência dos professores, como bonificação para aqueles mais assíduos e corte salarial para os mais faltosos. Um mecanismo similar para alunos mais empenhados seria também de grande ganho na medida em que a variável fazer a lição de casa apresentou efeito significativo no desempenho escolar. Ou seja, os mecanismos clássicos de ensino, professor ensinando e aluno estudando, ainda são considerados os mais eficazes na aprendizagem e ampliação do conhecimento.



**GOVERNO DO  
ESTADO DO CEARÁ**  
*Secretaria do Planejamento  
e Gestão*

**SEPLAG: [www.seplag.ce.gov.br](http://www.seplag.ce.gov.br)**

**IPECE: [www.ipece.ce.gov.br](http://www.ipece.ce.gov.br)**

**IPECE - Av. General Afonso Albuquerque Lima,  
S/N • Cambéa • Cep 60.822-325 • Fortaleza / Ceará  
Fones: (85) 3101-3496 | 3101-3521 - Fax: (85) 3101-3500**

**ipece** | INSTITUTO  
DE PESQUISA  
E ESTRATÉGIA  
ECONÔMICA  
DO CEARÁ